

FORMAÇÃO HUMANA À LUZ DO REALISMO EM LUKÁCS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Adéle Cristina Braga Araujo¹

Nathaly de Oliveira Rufino²

Sâmia Larisse Maciel Martins³

RESUMO

O presente artigo pretende expor algumas das considerações lukacsianas a respeito do realismo como representação do real. O estudo reconhece o realismo como manifestação artística pronunciada principalmente na literatura, expandindo este conceito e levando-o a instâncias culturais, políticas e humanas, onde se desfocaliza seu período fragmentado, incorporando-o ao público como reprodução artística da realidade. Fazemos menção também à formação humana, pois sendo o homem o principal produtor da arte realista, cabe estudar a maneira como este se desenvolve em sociedade. O estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, retomando não somente obras selecionadas de Lukács, na esteira de Marx e Engels, mas também autores cujas leituras foram aprofundadas durante o período de estudos científicos desenvolvido no Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES), o que se configurou como uma pesquisa de iniciação científica intitulada *Estética lukacsiana: considerações sobre a formação humana*.

Palavras-chave: Realismo; Lukács; Formação Humana.

HUMAN FORMATION IN THE LIGHT OF REALISM IN LUKÁCS: FIRST APPROXIMATIONS

ABSTRACT

The present article intends to expose some of Lukacsian considerations regarding realism as a representation of reality. The study recognizes realism as an artistic manifestation pronounced mainly in the literature, expanding this concept and taking it to cultural, political and human instances, where its fragmented period is incorporated to the public as an artistic reproduction of reality. We also mention human formation, for, since man is the main producer of realistic art, it is necessary to study the development of the social being. The study is characterized as a bibliographical review, retrieving not only selected works of Lukács, in the wake of

¹ Doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará -UFC. Professora do Instituto Federal do Ceará - IFCE- Campus Quixadá. E-mail: adele.araujo@ifce.edu.br

² Graduada em Letras-Português pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC/UECE. Aluna do Mestrado Interdisciplinar de História e Letras pela UECE. E-mail: nathaly.oliveira@aluno.uece.br

³ Graduada em Letras-Português pela FECLESC/UECE. E-mail: samialarisse@hotmail.com

Marx and Engels, but also authors whose readings were discussed during the period of scientific studies developed in the Labor, Education, Aesthetics and Society Research Group (GPTREES), which was configured as a scientific initiation research entitled Lukacsian aesthetics: considerations about human formation.

Keywords: Realism; Lukács; Human Formation.

1. Introdução

Quando se pensa em realismo logo se imagina uma cena típica, vivida entre a maioria dos alunos de escolas de fundamental II e/ou ensino médio, onde o (a) professor (a) escreve no quadro várias façanhas datadas de realizações, em sua maioria, literárias, que ocorreram “no período do realismo”, ou simplesmente suas datas e locais específicos de início da até então citada “escola literária”.

Por esta tática didática, o aluno cresce com a visão de que toda e qualquer literatura seja apenas isso, firmando a ideia de que o realismo nada mais foi do que um evento meramente literário datado em um curto período histórico entre 1860, aproximadamente, e o início do século XX, cujas datas, e somente estas, são aprendidas de forma decorativa e rapidamente esquecidas após algum tipo de avaliação.

O presente trabalho tende a abandonar a visão de produções literárias categorizadas como meros períodos ou estilos de épocas determinadas, fragmentadas no tempo sem a interferência do antes ou do depois. Pretendemos estourar a bolha que abriga o “período do realismo” e misturá-lo à cultura, ao homem, ao passado e, por que não, ao futuro?

Uma das características mais marcantes do realismo é o empenho do artista em retratar a realidade com o maior grau possível de fidelidade. Mas, afinal, o que é real? Segundo o dicionário Aurélio (2001), é aquilo “Que existe de fato; verdadeiro”. Obviamente cada um absorve aspectos diferentes da realidade e, conseqüentemente, o real perpassa o filtro emocional dos olhos do artista. Ou seja, inconsciente ou conscientemente, o artista realista não produz a realidade com a pura fidelidade, pois a arte, mesmo em seu sentido realista, é reprodução (LUKÁCS, 2010). E como toda e qualquer reprodução artística recebe a interferência dos meios em que ela se insere, seja político, cultural, social ou emocional.

O que nos leva a outro ponto característico do “estilo” realista é o não envolvimento sentimental. Em oposição ao Romantismo, movimento anterior com grande premissa de ideologia romântica, o Realismo caracteriza-se pela abordagem de temas mais racionais, ligados ao materialismo e ao cientificismo (onde tudo se baseia na ciência). Mas será mesmo que a arte produzida em “período” realista era totalmente privada da influência emocional do seu produtor? Mesmo em textos jornalísticos, categoria que exige maior imparcialidade do escritor, diante de catástrofes (ou não), será possível retratar ou noticiar algo sem o menor teor emocional?

Consideramos, desse modo, junto à Araujo (2013, p. 81), que o realismo em Lukács “nada tem a ver com estilo artístico, mas com a reprodução artística da realidade, à fidelidade ao real”. Este é um princípio fundamental asseverado pelo filósofo húngaro, na esteira da concepção marxiana. Destarte, a “arte realista batalha contra a reprodução mecânica, vazia e superficial da realidade”. Vejamos o que o filósofo húngaro Georg Lukács (2010) afirma sobre a literatura realista:

[...] A literatura pode representar os contrastes, as lutas e os conflitos da vida social tal como eles se manifestam no espírito, na vida do homem real. Portanto, a literatura oferece um campo vasto e significativo para descobrir e investigar a realidade. Na medida em que for verdadeiramente profunda e realista, ela pode fornecer, mesmo a mais profundo conhecedor das relações sociais, experiências vividas e noções inteiramente novas, inesperadas e importantíssimas (LUKÁCS, 2010, p. 80).

A literatura realista, portanto, segundo a visão lukacsiana, trata justamente da representação do real que expressa totalidade, ou seja, o artista não expõe apenas seus interesses pessoais, mas a real problemática que rege as relações humanas. Destarte, a literatura pode apontar para uma maior apreensão da existência em sua totalidade, de modo que poderá apresentar a realidade como se apresenta de fato, demonstrando o seu desenvolvimento histórico e social. Considera ainda, que toda literatura, ou mesmo toda manifestação dos sentidos humanos, quando genuinamente profunda, guarda uma interação recíproca com seu aspecto temporal histórico e universal ou aquilo que Lukács chamou de *hic et nunc*, expressão latina que significa, a grosso modo, o ‘aqui e agora’, que vai garantir a autenticidade de uma obra.

“Certamente, a formação humana é sempre histórica e socialmente datada. Por isso mesmo não é possível definir, de uma vez para sempre, o que ele seja como se fosse um ideal a ser perseguido” (TONET, 2007, p. 75). Para que um indivíduo se torne parte do gênero humano, faz-se necessária a apropriação do patrimônio material e espiritual do que a humanidade acumulou ao longo dos tempos.

Propomo-nos apresentar um maior detalhamento acerca das ideias sobre o realismo em Lukács, em particular, a literatura como mote de apreensão da existência da totalidade, de modo que poderá apresentar realidade, demonstrando o seu desenvolvimento histórico e social.

2. Aproximação ao legado marxiano: notas sobre o realismo em Lukács

Antes de adentrarmos no que seja o realismo em Lukács, é importante atentarmos para a base teórica que alicerça o pensamento lukacsiano. Araujo (2013) assevera que Lukács, apoiado pelo lineamento marxiano, pode dar forma a uma nova ontologia e a configuração de uma estética marxista. Assim, para a autora:

A estética marxiano-lukacsiana, por assim dizer, se distingue das outras porque apanha a atividade estética, articulada ao complexo histórico e social, não como atividade absolutamente autônoma, embora ele percorra todo o raciocínio para explicar como essa atividade estética tem sua autonomia na sua base material cotidiana espontânea, onde o trabalho tem seu devido lugar. E também não como uma atividade auto-fundada, mas como uma atividade imanentemente e eminentemente vinculada ao homem (ARAÚJO, 2013, p. 18).

É clara a coerência do pensamento do filósofo húngaro Georg Lukács ao considerar a teoria marxiana como uma teoria assentada no trabalho como componente fundante⁴ de todos os outros complexos da vida social. O nascimento da arte é moroso em relação ao trabalho, uma vez que o desenvolvimento estético nos faça conjecturar certa elevação do desenvolvimento dos sentidos humanos, além do sentimento do agradável no processo de criação e recepção. Nesse sentido, a arte, no sentido ontológico, é um modo do homem entender a própria vida

⁴ Vale ressaltar que o entendimento do complexo da arte desprende-se do trabalho e mantém com ele uma dependência ontológica e autonomia relativa. Para melhor compreender esses termos recomendamos a leitura da dissertação *Trabalho, reprodução social e educação*, de Marteano Ferreira Lima, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará.

na natureza e na sociedade. Nas palavras de Lukács, é, também, incumbência da arte “/.../ uma continuidade do comportamento do homem em relação à sociedade e à natureza” (HOLZ; KOFLER; ABENDROTH, 1969, p. 29).

Retornamos ao legado do pensamento marxiano no que se refere ao campo objetivo-subjetivo. Marx e Engels dedicavam-se, sobretudo, ao propósito da economia, mas suas aspirações iam além deste campo, mesmo que estas não tenham sido construídas de forma mais concreta como foram seus estudos econômicos. Certifica Tonet (2007, p. 74), que o “ponto de partida do trabalho, considerado como ato ontológico-primário do ser social, Marx constata que este ser não se define pela espiritualidade, mas pela práxis”. E o que seria a práxis senão uma súpula, conforme Tonet, “de espírito e matéria, de subjetividade e objetividade, de interioridade e exterioridade? Na realidade, ele mostra que entre interioridade e exterioridade não há uma relação de exclusão, nem de soma, mas uma relação de determinação recíproca”. Nesse sentido, destacamos as palavras de Lukács, ao fazer uma analogia sobre objetividade e subjetividade e raízes e flores, considerando sobre a estética marxista:

[...] o humanismo socialista insere-se no centro da estética marxista, da concepção materialista da história [...] é preciso sublinhar com ênfase que, se esta concepção penetra nas raízes mais profundamente entranhadas no solo, nem por isso nega a beleza das flores. Ao contrário, é a concepção materialista da história, a estética marxista, e somente ela, que fornece os instrumentos para uma justa compreensão deste processo na sua unidade, na sua orgânica conexão entre raízes e flores (LUKÁCS, 2009, p. 117).

Neste trabalho, por exemplo, abordamos principalmente conceitos marxistas literários, que não absorveram tanto de Marx quanto sua obra econômica fundamental. Contudo, não se pode excluir seu processo filosófico e nem diminuir sua importância para com a literatura, pois em sua obra, segundo Lukács (2009, p. 68) “/.../ numerosas anotações e observações sobre livros de estética e história da arte revelam como ele levava a sério estes projetos”, destacamos uma observação feita por Lukács, a qual era um desejo de Marx escrever sobre o grande escritor francês Honoré de Balzac, um dos autores preferidos de Marx, mas esse plano infelizmente nunca se concretizou. Apesar disso, na expansão de sua obra e na companhia literária com Engels, foi possível fazer uma compilação do que eles

escreveram sobre a arte e a literatura, nas cartas, artigos, textos e anotações de conversas, organizados por Lifschits⁵ no livro “Sobre literatura e arte”.

A forma como o homem adquiriu a maioria de seus conhecimentos, habilidades e procedimentos de comportamento foi pela assimilação da experiência histórico-social. Para Tonet (2007, p. 80), “valores necessários para se tornarem membros do gênero humano”. O trabalho⁶, nesse sentido, exigia dos indivíduos a comunicação, pois ao realizarem atividades tinham a necessidade de repassar informações aos demais. A linguagem foi o meio que possibilitou a comunicação entre esses indivíduos.

Para o psicólogo soviético Luria, as condições da origem da linguagem “devem ser procuradas nas relações sociais do trabalho cujos primórdios de surgimento remontam ao período de transição da história natural à história humana” (LURIA, 1991, p. 79). Leontiev (s/d) considera a linguagem como objeto social. Nas palavras do autor:

O elo direto que existe entre a palavra e a linguagem, de um lado, e a atividade de trabalho dos homens, do outro, é a condição primordial sobre a influência da qual eles se desenvolveram enquanto portadores do reflexo consciente e “objetivado” da realidade. Significado no processo de trabalho, um objeto, a palavra distingue-o e generaliza-o para a consciência individual, precisamente na sua relação objetiva e social (LEONTIEV, s/d, p. 93).

Destarte, a linguagem configura-se na generalização consciente da realidade e amplia o mundo perceptível, fazendo com que uma informação advinda do mundo exterior seja conservada, bem como cria um mundo de imagens interiores. É com base nela que são constituídas as formas complexas de pensamento abstrato e generalizado e, a partir daí, surge a possibilidade de transitar do âmbito sensorial para o racional.

Isso posto, dissertar sobre o complexo da arte e mais especificamente, sobre a literatura, remete-nos a trazer as considerações de Lukács (1982) sobre a dificuldade de conceituar o complexo da arte. Segundo o esteta húngaro, a melhor

⁵ Mikhail Alexandrovich Lifschits foi um filósofo e crítico de arte soviético e estagiou com Lukács no Instituto Marx-Engels-Lenin no início da década de 1930, onde tiveram seus primeiros contatos com a Manuscritos Econômico-Filosófico de Marx, bem como os Cadernos Filosóficos de Lenin (LUKÁCS, 1999).

⁶ Consideramos, mais uma vez, junto ao pensamento marxiano, que o trabalho é o complexo social que funda os demais complexos, fundante na relação com os demais complexos, a exemplo da linguagem ou da educação, ele é o que é capaz de modificar o homem e a natureza, ocasionando, desse modo, o novo.

maneira de entender o complexo da arte é aproximá-lo e distanciá-lo de outros complexos, como é o caso da ciência. Nesse sentido, conforme Lukács (1982, p. 260), a arte “/.../ no se limita a fijar simplemente un hecho en sí, como la ciencia, sino que eterniza un momento de la evolución histórica del género humano”.

Depois de desenvolver inúmeras capacidades motoro-mentais e os sentidos ao longo dos anos, a humanidade hoje se desenvolve, entre outras vertentes, através da ciência e da arte. O processo de uma não exclui totalmente a outra, mas há de se destacar que diferentemente da ciência que se destina a estudar aspectos físicos e suas reflexões na natureza, pois é preciso cotejar o que este complexo traz acerca do real, a arte, por sua vez, centraliza-se no reflexo do homem em sociedade, sem a necessidade de aferição.

De acordo com a concepção marxista, toda arte dispõe-se através de um conjunto de produção histórico-social, produzido pelo homem. Com a literatura não seria diferente. O termo “Literatura” vem do Latim *litteris*, que significa letras. Trata-se, portanto, de uma manifestação artística que se utiliza da palavra como instrumento social e de permanência histórica. A literatura considerada realista, por exemplo, surge em meio histórico no qual o homem precisa manifestar-se e utiliza-se da língua para tal ato.

Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário mediante o qual o homem se apropria do mundo por meio de sua consciência. [...] (LUKÁCS, 2009, p. 89).

Sendo assim, não se deve separar a arte da história de sua sociedade constituinte, pois o processo das duas está inteiramente ligado. Por um lado, a história da arte depende fortemente do desenvolvimento da consciência do homem, e a história do homem depende de como este desenvolve e expressa sua já “desenvolvida” consciência.

A arte, conforme assevera Araújo (2013, p. 40-41), é “produto do desenvolvimento social, institui um patrimônio para o porvir”, como, por exemplo, “a arte mágica dos povos primitivos, expressa nas cavernas, dá conta de explicar como foi a vida naquele tempo; os templos, os palácios, a arquitetura do oriente; a arte grega e romana; os grandes artistas do Renascimento”. A arte autêntica ultrapassa

o tempo e o espaço e prende-se ao gênero humano, uma vez que se torna objetivação humano-genérica de um passado longínquo que chega aos dias atuais.

Nas palavras de Lukács, temos:

[...] La verdad artística es, pues, como verdad, histórica; su verdadera génesis converge con su verdadera vigencia, porque ésta no es más que el descubrimiento y manifestación, el ascenso a vivencia de un momento de la evolución humana que formal y materialmente merece ser así fijado (LUKÁCS, 1982, p. 260).

É graças a essa evolução histórica e social do homem que ao longo dos tempos este pode distinguir-se dos demais animais, graças a sua consciência evoluída pelo trabalho. Este, por conseguinte, tornou-se o responsável precursor da evolução dos sentidos desde os primórdios da humanidade, pois

apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência de seu objeto, pela natureza humanizada (MARX, 2004, p. 110).

De tal modo, com o aperfeiçoamento dos sentidos, um olho humano, por exemplo, pode se agradar com os traços delicados de uma pintura e um ouvido chega a reconhecer notas musicais. Tais aprimoramentos não se deram de forma repentina, são transcurso ocorridos durante o processo histórico do homem.

Obviamente, esses aperfeiçoamentos não se dão de maneira uniforme entre todos os indivíduos, pois nem todos têm a possibilidade e/ou oportunidade de desenvolvê-los, principalmente diante de uma sociabilidade capitalista, a qual se mostra avessa à efetivação máxima e irrestrita do desenvolvimento das objetivações do gênero humano. “[...] não são leis biológicas que nos dizem o que devemos fazer para atender as nossas necessidades, mas que isto se dá pela apropriação daquilo que se tornou patrimônio do gênero humano” (TONET, 2007, p. 80).

Contudo, vale ressaltar, com o atual desenvolvimento da história humana, temos agora sentidos humanizados. O olho não apenas vê objetos, mas ele é capaz de percebê-los e graças à nossa consciência e memória é possível acionar conhecimentos já armazenados do tal objeto. É com esta consciência já adquirida, através de um longo decurso com muitas mediações tidas pelo desenvolvimento do

trabalho, que o homem consegue representar a realidade. Entre as inúmeras maneiras já desenvolvidas para tal representação está a literatura.

Marx e Engel exigiam dos escritores do seu tempo, por conseguinte, que – mediante a caracterização dos seus personagens – tomassem apaixonadamente posição contra os efeitos perniciosos e envilecedores da divisão capitalista do trabalho e colhessem o homem na sua essência e na sua totalidade. E exatamente porque percebiam na maior parte dos seus contemporâneos a falta dessa aspiração à integridade, do anseio pela totalidade, da orientação para o essencial [...] (LUKÁCS, 2009, p. 99).

É essencial para os escritores não apenas observar o cotidiano, mas também captar essências humanas para retratar em suas obras, aqueles sentimentos ou ações que ainda não transcenderam aos olhos. O autor planta em sua obra sementes de consciência humana, nada ali é fruto somente de sua imaginação.

A literatura pode representar os contrastes, as lutas e os conflitos da vida social tal como eles se manifestam no espírito, na vida do homem real (LUKÁCS, 2010, p. 80). Dessa forma, o autor encontra na literatura um material infinito, pois por meio dela podem ser realizadas diversas descobertas, bem como investigações da realidade. Quanto mais realista for a literatura produzida, mais profunda e mais rica será a apreensão de quem a produziu. Mesmo aquele que pensa dominar um número vasto de conhecimentos acabará por adquirir experiências e noções novas acerca do que escreveu.

Servimo-nos das obras de estudiosos a respeito do realismo, com destaque especial para o filósofo húngaro Georg Lukács que desenvolveu seu estudo teórico da ontologia do ser social com bases marxistas, buscando a compreensão da arte como produção humana que reflita a realidade.

O homem torna-se social à medida que age com o seu trabalho dentro da sociedade. Sendo assim, a arte realista enquanto desenvolvimento humano levaria à reflexão como ação social, reunindo humanidade e individualidade do ser.

O realismo verdadeiramente grandioso, que extrai sua força do profundo conhecimento das transformações históricas da sociedade, só pode alcançar este conhecimento se abarcar realmente todos os estratos sociais, se destruir a concepção “oficial” da história e da sociedade e se acolher – no vivo processo criador - as camadas e as correntes sociais que operam a verdadeira transformação da sociedade, a verdadeira formação desses novos tipos humanos. Imergindo nessas profundidades e trazendo-as, através de sua obra, à luz do dia, o grande realista cumpre a missão

verdadeiramente original e criadora da literatura. [...] (LUKÁCS, 2010, p. 45).

Lukács observa o realismo como o mais adequado para se chegar à totalidade do ser social. Para ele, é por meio do realismo que se pode configurar artisticamente a realidade da sociedade e é através deste, e não de outro método, que se pode julgar a produção artística verdadeiramente. Ciente de que a arte é antropomórfica e imanente (ARAUJO, 2013), ratificamos que a arte expressa um tema material, ou seja, expressa algo que está situado no mundo dos homens.

Percebemos nos grandes realistas a exposição de fatos “extraoficiais” que nem mesmo a história abarcava. Não tratavam a literatura como mera reprodução mecânica do que já havia sido dito, mas sim como meio de alcançar uma profundidade maior da realidade circundante.

A arte, autenticamente realista, para Lukács, repele a concepção trivial da importância da obra a partir da visão política do criador, todavia, isso não quer dizer que o sistema de ideias proposto pelo artista seja indiferente. O que deve ser levado em conta, como é o caso de Balzac e muitos outros grandes nomes da literatura mundial, citados por Lukács, como o próprio Shakespeare, ou Cervantes, Goethe e Tolstoi, cada qual com suas peculiaridades, é a preservação da inteireza humana (ARAUJO, 2013, p. 83).

O realismo em Lukács vai além de uma escola literária, o que nos leva a constatação de que é atemporal, pois ultrapassa os limites de um período restrito da história. Além disso, o realismo defendido pelo esteta húngaro não fica na imediatez do cotidiano, apresentando um reflexo vivo da realidade. Dessa forma, entende-se que a representação da realidade deve surgir de forma dialética, unindo essência e fenômeno, partindo do primeiro para o último, bem como abrangendo a totalidade dos fatos, não privilegiando apenas fragmentos e/ou recortes.

Seguindo o pensamento realista lukacsiano, asseveramos que o realismo é um compromisso do escritor para com a realidade. A arte permite uma reflexão da realidade de forma particular e ela possui um papel educativo que não pode ser esquecido. Compreendendo a realidade por meio da arte, é possível enxergá-la em sua maior inteireza, bem como perceber o mundo de maneira objetiva.

Ao abordar o realismo em Lukács, Konder (2005) aponta que a arte tem uma participação decisiva na humanização do homem. Entrando em contato com a arte,

o homem acaba por ficar sensível e perceptivo ao mundo que o cerca. Contudo, para que mudanças possam ocorrer de fato, o homem precisa ter a disposição de permitir-se humano e fazer uso de sua humanidade nas situações que julgar necessário.

Realizando a leitura de autores como Shakespeare ou Balzac, por exemplo, o homem – na posição de interlocutor – pode se ver no lugar do próprio autor, ou ainda, como coparticipante do texto que leu. Isso pode acontecer porque na visão lukacsiana, os textos necessitam narrar tipos que estão presentes na realidade. Mesmo na contemporaneidade, percebemos que a leitura dos autores citados anteriormente causa emoções diversas e é capaz de provocar questionamentos. Assim como no período em que produziram suas obras, é possível alcançar o leitor de modo que ele se sinta parte do que está sendo narrado.

Segundo Tonet (2007), como afirmamos anteriormente, Marx verifica que o ser social não se caracteriza por sua espiritualidade, mas pela práxis. Por meio do trabalho, ele exerce uma relação de determinação recíproca, pois une espírito e matéria, subjetividade e objetividade e interioridade e exterioridade. Destarte, é possível chegar à realidade social.

3. Notas Conclusivas

Ao longo de tudo o que foi exposto neste artigo, podemos constatar que o realismo não se resume a uma escola literária, mas sim à mais fiel possível representação da realidade. Corroboramos que a arte realista não se prende somente a aspectos racionais, pois o sentimento, tanto do autor quanto do leitor, de alguma forma estará contribuindo para a elaboração de significados e sentidos.

O desenvolvimento da arte deve abarcar a totalidade do ser humano, enquanto indivíduo e ser social ao coletivo, isto é, a subjetividade individual em junção com o que pertence ao gênero humano. E assim, ser capaz de envolvê-lo dentro do contexto que está inserido, para que possa perceber problemáticas da sua realidade.

Observamos ainda neste trabalho que a sociedade em que vivemos gera fatores que predeterminam a apropriação do patrimônio histórico (material e espiritual). Tudo isso perpassa a luta de classes, uma vez que há um entrave para

que os homens desenvolvam suas potencialidades de maneira livre e criadora. O ser social sofre de forma contínua com a negação da faculdade do sentir, enfrentando diuturnamente obstáculos objetivos à consecução de uma vida plena de sentido.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adéle Cristina Braga. **Estética em Lukács**: Reverberações da arte no campo da formação humana. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Departamento do Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOLZ, Hans Heinz; KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang. **Conversando com Lukács**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KONDER, Leandro. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

LIMA, Marteana Ferreira. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Departamento do Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

LUKÁCS, Georg. **Estética 1**: La peculiaridad de lo estético. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1982.

LUKÁCS, György. **Pensamento vivido**: autobiografia em diálogo – entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

LUKÁCS, György. **Arte e sociedade**: *escritos estéticos 1932-1967* / organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura / seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho**. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de Psicologia Geral**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, v. 1.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. Maceió: EDUFAL, 2007.